

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CAMILA DA CUNHA ONOFRE

**DO TACITURNO AO TURÍSTICO: A RESSIGNIFICAÇÃO DO BAIRRO DA
LIBERDADE - SP**

São Paulo

2021

CAMILA DA CUNHA ONOFRE

**DO TACITURNO AO TURÍSTICO: A RESSIGNIFICAÇÃO DO BAIRRO DA
LIBERDADE-SP**

Monografia apresentada a banca examinadora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo como parte dos pré-requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rita de Cassia Ariza da Cruz

São Paulo

2021

Estou enterrado na Rua da Glória

Lembre de mim se passar por aqui

Sou fato oculto da tua história

Mas veja ainda estou aqui

(Aloysio Letra)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à professora Rita de Cássia Ariza da Cruz por sua orientação, disponibilidade e apoio durante o período de pesquisa, contribuindo imensamente para meu amadurecimento pessoal e acadêmico;

Agradeço a minha família, particularmente à minha mãe Eliana e minha vó Dora (em memória), que sempre me deram suporte, amor, me ensinaram a perseverar em buscar das coisas que almejo e me incentivaram a cursar Geografia;

A minha amiga de longa data, Marina Deliperi Bezerra, que sempre foi minha companheira antes e durante essa jornada da graduação. E aos amigos que a Geografia igualmente me proporcionou, Breno Schmidtke Rodrigues, Ana Beatriz Shimabuko, Jessica Sales e Joyce Fernandes, os quais tornaram os dias de graduação mais leves e me proporcionaram grandes trocas;

Ao instituto Florestal, que me proporcionou novos conhecimentos sobre cartografia, assim como trouxe pessoas incríveis para minha vida;

A FFLCH, pela concessão da bolsa de iniciação científica para execução da pesquisa no ano de 2021;

À toda USP, representada por seus funcionários e professores que ajudaram na construção da Universidade, em especial aos professores que diretamente contribuíram para minha formação;

Por fim, a todos os profissionais da educação, em especial a professora Fabiana Leser e ao professor Luis Ramalho, que desde muito nova me inspiraram a chegar onde estou.

RESUMO

O bairro da Liberdade passou por grandes mudanças ao longo de sua história, transitando de um bairro majoritariamente negro e de ex escravizados para um dos locais de visitação turística mais conhecidos da cidade de São Paulo na atualidade, conhecido popularmente por ser um referencial da cultura asiática. Esse processo se deu através de um projeto sucedido de orientalização do bairro, o qual apaga a história negra sobreposta pela dos orientais que ali chegaram em meados de 1930. O presente trabalho visa investigar esse processo de ressignificação do bairro ao longo dos anos, a partir de uma análise histórica evolutiva partindo de levantamentos bibliográficos e trabalhos de campo. A pesquisa foi desenvolvida através do levantamento e fichamento do referencial teórico acerca da temática do turismo e da história do bairro da Liberdade. Considera-se, partindo da pesquisa realizada, que o bairro da Liberdade (ou da Chinatown paulistana) é então uma representação cultural construída, ou melhor, uma identidade forjada a partir de um projeto, acima de tudo, de submissão de uma cultura a outra. No caso, da narrativa negra pela narrativa asiática, especialmente nipônica.

Palavras-chave: bairro da Liberdade; cultura oriental; história negra; ressignificação; turismo.

ABSTRACT

The Liberdade neighborhood has passed through important changes during its history, changing from a neighborhood of mostly black and former ex-slaves to one of the most popular tourist attractions in São Paulo today, it is popularly recognized as a referential of Asian culture. This process happened through a successful project of orientalization of the neighborhood, which erases the black history overlapped by the oriental ones that arrived there in mid-1930. The present work aims to investigate this process of re-signification of the neighborhood over the years, based on a historical evolutionary analysis of the neighborhood through bibliographic and field research. The research was developed through the survey and classification of the theoretical referential about the theme of tourism and the history of the Liberdade neighborhood. It is considered, based on the research carried out, that the Liberdade neighborhood (or São Paulo's Chinatown) is a constructed cultural representation, or rather, an identity forged from a project, mainly, of submission of one culture to another. In this case, the black narrative to the Asian narrative, especially the Japanese.

Keywords: Liberdade neighborhood; oriental culture; black history; resignation; tourism.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Introdução..... | 1 |
| 1.1 Objetivo, Área de Estudo e Justificativa..... | 3 |
| 1.2 Materiais e método | 7 |
| Capítulo 1. O bairro da Liberdade: aportes históricos, teóricos e metodológicos..... | 11 |
| 2. A história do bairro da Liberdade e de sua ressignificação | 11 |
| 2.1 A história dos negros..... | 12 |
| 2.2 A história dos japoneses..... | 19 |
| Capítulo 2. Sobre o consumo da cultura asiática no Brasil e o bairro da Liberdade..... | 22 |
| 3. O Consumo da cultura asiática | 22 |
| Capítulo 3. A invenção turística do bairro da Liberdade..... | 24 |
| 4. Arquitetura e a construção estética do bairro oriental | 24 |
| 4.1 A atividade turística e a redução narrativa..... | 29 |
| Capítulo 4. A Liberdade hoje: um enclave étnico | 33 |
| 5. O bairro da Liberdade atualmente: entre 2019 a 2021..... | 33 |
| Considerações Finais | 37 |
| Referências | 38 |

1. Introdução

Ao andar pelo bairro da Liberdade em São Paulo, muitos elementos urbanísticos e arquitetônicos saltam aos nossos olhos. As lanternas japonesas conhecidas por *suzuranto*, o grande portal ou *Torii* situado na Rua Galvão Bueno, que é uma estrutura originária da tradição xintoísta¹ e representa a entrada de um lugar considerado sagrado como um santuário, a estrutura de prédios como o Banco do Bradesco que remetem a templos e até mesmo as fachadas dos restaurantes e mercearias que replicam a arquitetura tradicional japonesa são bons exemplos desse estilo próprio construído na Liberdade, como mostram as figuras 01 a 04, dão ao bairro uma identidade específica que o ajudou a se tornar um lugar turístico famoso da cidade de São Paulo com cada vez mais turistas através dos anos.

Figuras 01 e 02: Lanternas japonesas (*suzurantos*) nas ruas do bairro da Liberdade – SP.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

¹ Segundo os sites da Embaixada do Japão no Brasil e Japão em foco, Xintoísmo é uma religião japonesa que prioriza o culto à natureza e aos espíritos ancestrais. Caracteriza-se pelo culto ao Kami, que significa "deus" ou "divindade". “Embora a palavra kami possa ser usada para se referir a um único ‘deus’, ela também pode ser usada no coletivo para designar uma miríade de ‘deuses’ os quais têm sido o objeto central do culto no Japão desde o período Yayoi”, aponta a Embaixada do Japão.

Figuras 03 e 04: Portal Torii na Rua Galvão Bueno e prédio do banco do Bradesco, respectivamente.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

No entanto, esses mesmos elementos arquitetônicos podem ser considerados como um claro plano de orientalização² do bairro para firmá-lo no guia turístico de São Paulo, que vendem uma imagem da Liberdade como o maior reduto de japoneses fora do Japão, que concentra não só uma forte comunidade nipônica, mas também um forte comércio asiático, tal como festivais anuais muito populares como o Ano Novo Lunar³, o Festival das Lanternas⁴, o Festival Oriental⁵ (Toyo Matsuri) e o Festival das Estrelas⁶ (Tanabata Matsuri).

Essa ideia é reforçada ao longo dos anos por dois movimentos distintos: o primeiro caracteriza-se pela implementação do “Plano de Orientalização da Liberdade” idealizado pelo jornalista e presidente de uma comissão de orientais –como japoneses, coreanos, chineses e taiwaneses– que se estabeleceram na Liberdade (KISHIGAMI, 2017) Randolpho Marques Lobato e financiado pela Prefeitura de São Paulo junto da Secretaria

² Atribuir características orientais a algum lugar; adquirir costumes e/ou hábitos orientais.

³ Conhecido por Ano Novo Chinês, é uma das festividades mais populares da China, comemorado em países como o Japão e Coréia do Sul. É a celebração da passagem de um ano para o outro, seguindo o calendário lunar adotado no país.

⁴ É a festa que encerra as comemorações do Ano Novo Chinês ou do Ano Novo Lunar.

⁵ É uma das primeiras festas organizadas pela comunidade nipo-brasileira, que acontece anualmente no mês de dezembro com a apresentação de danças típicas e, inicialmente, tinha o intuito de atrair mais consumidores para o bairro no período do Natal.

⁶ É um festival chinês, mas popularizado e comemorado também pelo Japão. Na China, é considerado como o Dia dos Namorados chinês. O festival remonta a uma lenda de mais de 2 mil anos da Princesa tecelã Orihime, filha do Rei Celestial e do Príncipe Pastor chamado Hikososhi que viviam na Via Láctea, mas foram separados e poderiam se encontrar somente uma vez ao ano no dia 7 do mês 7 do calendário lunar (Japão em Foco, acessado em 19/07/2021).

de Turismo Municipal entre as décadas de 1960 e 1970, com o intuito de construir uma estética tipicamente oriental no bairro.

O segundo movimento, por sua vez, pode ser pontuado pela mudança do nome da estação de metrô décadas depois de sua inauguração, quando passou, oficialmente, de "Liberdade" para "Japão-Liberdade" em 24 de julho de 2018, justificada como uma homenagem aos 110 anos da imigração japonesa no país. No entanto, a mudança de nome é significativa, optando de forma clara e objetiva por remeter à comunidade japonesa fixada ali, reforçando um processo histórico e atual de apresentar a Liberdade como um lugar turístico atrelado somente à cultura asiática, sobretudo a cultura nipônica.

Esses movimentos, no entanto, excluem a complexidade identitária do lugar que conta não só com japoneses, mas com chineses, taiwaneses e coreanos, por exemplo, além de uma história negra anterior à chegada dos imigrantes orientais que é enfraquecida e ocultada da população como aponta Marília Marz no livro “Indivisível” (2019)

O bairro da Liberdade passou por mudanças urbanísticas (e conseqüentemente identitárias) desde a sua formação até os dias de hoje. Essas mudanças abrem espaço para uma discussão mais ampla sobre a estruturação da cidade e a normatização de práticas excludentes, tanto urbanísticas quanto sociais. (Marília Marz, 2019, p. 2).

Assim, compreende-se que houve claras intervenções no bairro, que provocaram um apagamento da história negra à qual se sobrepôs a história, mais recente, a dos orientais. Diante disso, definimos como problema de pesquisa: como se deu a ressignificação do bairro da Liberdade ao longo de sua história? Por que, em um país de história e etnias das mais variadas, o bairro da Liberdade foi escolhido para fazer prevalecer uma história asiática?

Acessar a memória do bairro para estudá-lo no presente e no passado, através de sua arquitetura, de sua história e de sua cultura oral ou escrita é fundamental para a compreensão do processo de sua construção e, em consequência, de sua transformação em lugar de visitação turística.

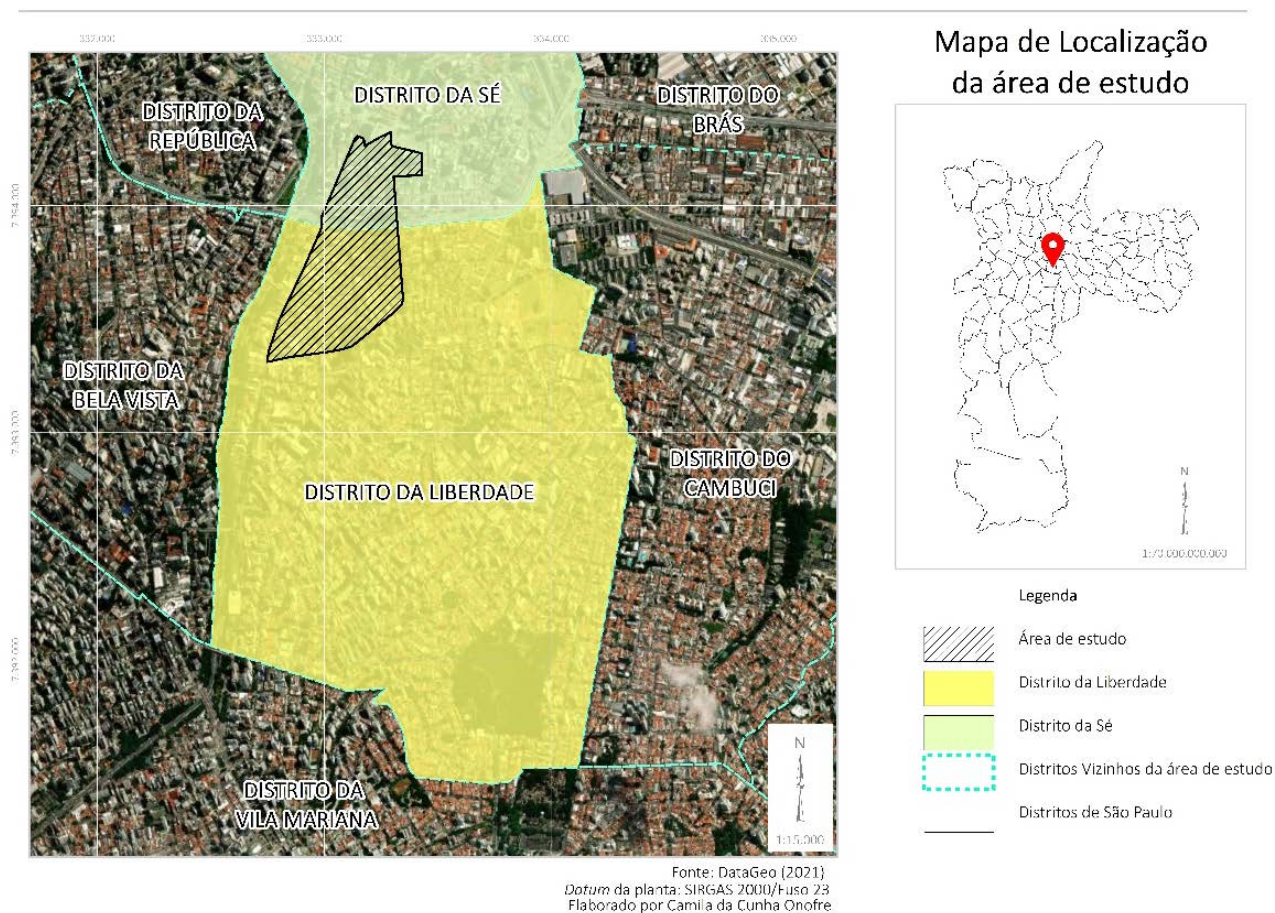
1.1 Objetivo, Área de Estudo e Justificativa

A partir do exposto acima, definiu-se como objetivo de pesquisa investigar o processo de ressignificação do bairro da Liberdade ao longo de sua história e como o mesmo se tornou um lugar de visitação turística na cidade de São Paulo a partir de eventos

importantes que o transformaram, tal como analisar as motivações pelas quais se dá o apagamento e/ou a ocultação da história negra.

A área de estudo (Figura 05) foi definida e traçada a partir de dois parâmetros: seguir sempre o traçado original das ruas entre os distritos da Sé e da Liberdade para manter um padrão e utilizar como base um mapeamento realizado dos pontos turísticos do bairro mais conhecidos e buscados na *internet*, os quais se destacam também em guias de visitação turística *online* como TripAdvisor, Guia Viajar Melhor e Guia da Semana, assim como os inúmeros vídeos disponíveis no YouTube sobre os passeios realizados no bairro. Os locais de visitação turística se concentram especialmente entre a Praça da Liberdade e o Viaduto Osaka.

Figura 05: Distritos de localização da área de estudo — Distrito da Liberdade e Sé, São Paulo.



Fonte: DataGeo (2021) e ESRI (2021). **Organização:** Camila da Cunha (2021)

Entre os pontos turísticos considerados para o mapeamento, encontram-se (figuras 06-15):

- Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil;
- Livraria Sol;

- Jardim Oriental;
- Feirinha da Liberdade;
- Empório Azuki;
- We Coffe;
- Espaço Kazu
- Hachi Crepe e Café;
- Palacete Conde de Sarzedas (o ponto de visitação turístico mais ao norte da área de estudo); e,
- Templo Busshinji (o ponto de visitação turístico mais ao sul da área de estudo)

Figura 06: Entrada do edifício Bunkyo.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Figura 07: Fachada da Livraria Sol.



Figura 08: Fachada do Jardim Oriental



Figura 09: Barracas da Feira da Liberdade.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Figura 10: Fachada do Empório Azuki.



Figura 11: Fachada da cafeteria We Coffee.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Figura 12: Entrada do restaurante Espaço Kazu.



Figura 13: Entrada do Hachi Crepe e Café.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Figura 14: Fachada do palacete Conde de Sarzedas.

Fonte: Refúgios urbanos, disponível em:

><https://refugiosurbanos.com.br><

Figura 15: Entrada do Templo Busshinji.

Autora: Camila da Cunha,

em 25 de setembro de 2021

Também foram consideradas as estações de metrô mais próximas ao bairro para serem incluídas na delimitação da área de estudo, sendo elas a estação Japão-Liberdade e a estação São Joaquim, visto serem essenciais meios de transporte que facilitem a locomoção do turista até o local de visitação.

Por fim, o presente trabalho trata do *bairro* da Liberdade entendendo que a configuração e definição de um bairro é diversa e abrangente, mas que ultrapassa as barreiras dos distritos (da Sé e da Liberdade), tendo sua definição ligada a laços afetivos e não a limites administrativos. O bairro, nesse estudo, é visto, portanto como uma entidade cultural e antropológica (FECOMERCIO, 2013) atualmente inseparável da cultura asiática, mas reconhecendo o apagamento de uma memória social do passado ligado a história negra.

1.2 Materiais e método

O seguinte trabalho pretendeu entender quais eventos (SANTOS, M., 2017) levaram o bairro da Liberdade a constituir-se como um local de visitação turística na cidade de São Paulo a partir de uma perspectiva teórico-metodológica fundada nas noções de produção do espaço (processo social, histórico, conflituoso e contraditório) e na noção de redução narrativa (BERDOLAY e PAES, 2008; CIFELLI, 2016). Trata-se de uma abordagem qualitativa, utilizando como método de pesquisa uma análise histórica

evolutiva a partir de um levantamento bibliográfico referente ao tema, como a aplicação de entrevistas com trabalhadores, moradores e turistas em dois trabalhos de campo.

Desse modo, como apoio à pesquisa, foram realizados:

- Levantamento de material bibliográfico, leituras e fichamentos;
- Entrevistas com transeuntes, trabalhadores e moradores do bairro;
- Visitas à área de estudo para observação e elaboração de cobertura fotográfica;
- Visita ao museu da imigração japonesa, Capela dos Aflitos e outros pontos representativos da história do bairro (Figuras 06 a 15).

A pesquisa, durante sua fase de projeto, contou com um levantamento por palavras chaves como "Turismo na Liberdade", "História negra no Bairro da Liberdade" e "Bairro da Liberdade" no Google Acadêmico. Foram selecionados textos que tratavam inicialmente da história e da evolução do bairro da Liberdade, sendo fichados cada um dos textos selecionados como "*Os japoneses no bairro da Liberdade – SP na primeira metade do século XX*" (FANTIN, 2013) e "*Duas visões da liberdade: a orientalização e a orientalidade*" (NAKAGAWA E OKANO, 2011).

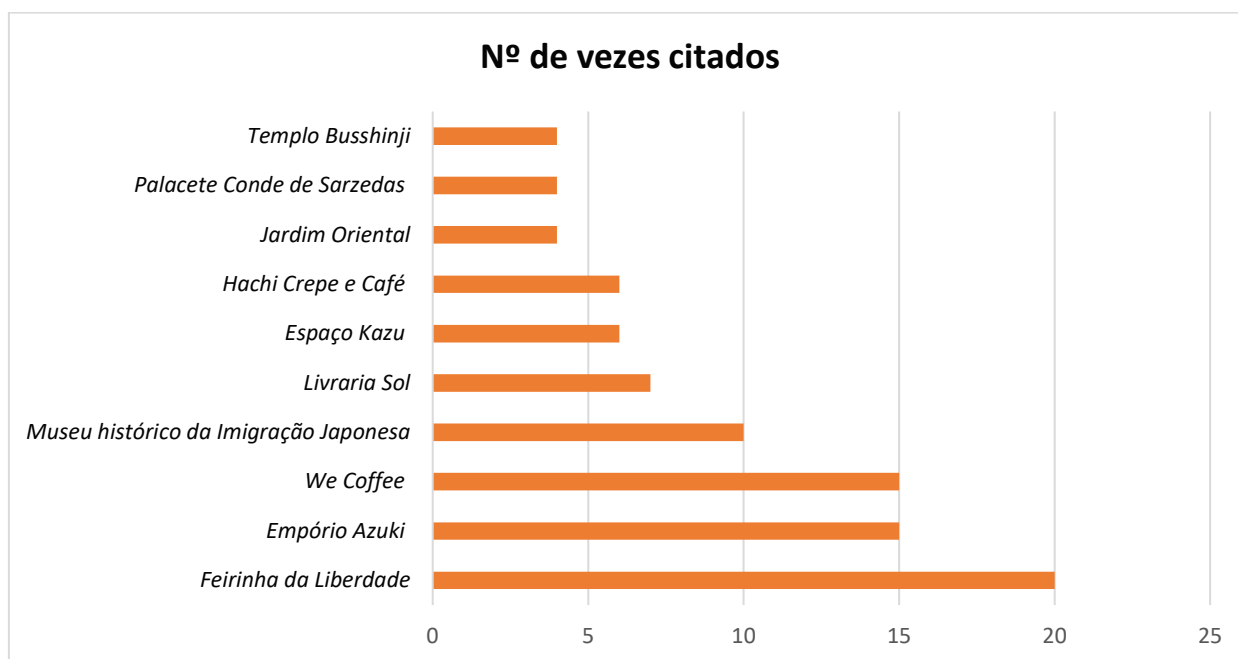
Após uma leitura preliminar sobre a história japonesa, deu-se início a uma busca por literaturas da história negra do bairro, considerando trabalhos acadêmicos, notícias em grandes jornais online como o Globo, Folha de São Paulo, Carta Capital, entre outros, histórias em quadrinhos como Indivísivel, de a Marília Marz e blogs, como o BlackBird Viagem, uma plataforma de turismo que realiza o que chamam por "Caminhada São Paulo Negra" em que contam a história do bairro da Liberdade, do Bixiga e da Barra Funda.

Vendo a necessidade de continuar o levantamento, foi feita uma busca mais ampla sobre turismo e patrimônio cultural, assim como sobre a noção de redução narrativa.

Foi também realizada uma busca ativa pelo "Plano de Orientalização da Liberdade", visando uma análise direta do documento que é citado em bibliografias de referência. A busca foi feita por e-mail, abarcando contatos com a Secretaria Municipal de Cultura, no Departamento do Patrimônio Histórico, Arquivo Público do Estado de São Paulo, Arquivo Histórico Municipal da Cidade de São Paulo, Biblioteca FFLCH Biblioteca Florestan Fernandes e Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras, todas resultando em uma busca infrutífera.

Em seguida, foi realizada a etapa de levantamento de dados a partir de buscas *online* em meios de comunicação como *sites*, guias e canais de relevância sobre turismo que indicassem locais ou *tour* de visitação pelo bairro da Liberdade, assim como busca por vídeos no *Youtube* postados no último ano (novembro de 2020 a novembro de 2021), contabilizando os pontos turísticos que mais apareceram como indicados a serem visitados, como indica a figura abaixo (Figura 16).

Figura 16: Locais mais indicados para se visitar no bairro da Liberdade, de acordo com pesquisas online realizadas em 2021.



Fonte: SãoPauloSemMesmice, GuiaViajarMelhor, TripAdvisor, Youtube.

Elaborado por Camila da Cunha, 2021.

Com esses dados, foi possível a criação de elementos cartográficos com a espacialidade dos pontos turísticos mais visitados. Além disso, foi realizada uma visita virtual ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil no dia 12/05/2021 visando novos levantamentos de dados e uma experiência que justificasse o mesmo ser unânime em todos os guias de turismo sobre o bairro.

É importante salientar que a maioria dos dados encontrados *online* remete ao período pré-pandemia da Covid-19, e que no campo dois dos pontos turísticos considerados estavam fechados. Um deles foi o Jardim Oriental, que estava fechado devido (ao que popularmente disseram as pessoas no local) a poluição do lago que ali

existe. Outro ponto foi a padaria Itiriki, que fechou no final de 2020 e hoje é onde se localiza a famosa cafeteria We Coffe, que está em alta na *internet*.

Ainda sobre os elementos cartográficos, o projeto contou com a elaboração de outros dois mapas para a localização e delimitação da área de estudo diante da problemática da definição de bairro, visto que a divisão administrativa de distrito não abrangia todos os pontos turísticos mapeados, estando estes divididos entre os distritos da Sé e da Liberdade.

O trabalho também contou com uma visita de campo para documentação fotográfica, percepção do lugar e entrevistas com trabalhadores e transeuntes. O trabalho de campo foi realizado no dia 25/09/2021 e abarcou 40 depoimentos de pessoas que estavam pelo bairro no dia. A abordagem foi feita aleatoriamente, sem distinção de sexo, idade ou etnia das pessoas, fazendo apenas duas perguntas simples:

1. Há quanto tempo você frequenta ou conhece o bairro da Liberdade?
2. Você conhece a história do bairro da Liberdade? Se sim, conte por favor o que sabe.

Todas as respostas foram anotadas em uma prancheta, sendo contabilizadas e, posteriormente, redigidas.

Capítulo 1. O bairro da Liberdade: aportes históricos, teóricos e metodológicos

2. A história do bairro da Liberdade e de sua ressignificação

A consolidação do bairro ao longo da história até sua consolidação como conhecemos hoje (um local de visitação turística) conta com eventos essenciais. Eventos, de acordo com Milton Santos (2017), que podem ser entendidos como acontecimentos capazes de mudar as coisas e transformar os objetos e lugares, dando-lhes novas características; eventos esses que buscaremos identificar nesse estudo. Os eventos são únicos, atuais e nunca ocorrem de modo isolado, sejam eventos locais ou globais.

Para Malard (2006, p. 25-26),

“A gênese do espaço arquitetônico decorre da espacialidade inerente ao ser humano: a existência humana tem uma dimensão espacial que é parte da própria experiência do homem no mundo (...) O ser é espacial. O espaço é, portanto, constitutivo da natureza humana, pertence à essência do ser. Ele não é apenas funcional, racional ou simbólico. Sendo existencial, ele é tudo isso, uma vez que incorpora as necessidades, as expectativas e desejos que fazem parte da existência humana”.

É o espaço, portanto, o meio material da possibilidade dos eventos; sendo historicamente definido e com um conjunto de formas representadas pelas relações sociais do passado e do presente, que estão acontecendo e se manifestam de forma desigual. As manifestações desses conteúdos, por sua vez, consolidam-se especialmente em formas arquitetônicas no bairro, que se diluem em um ritmo diferente do conteúdo histórico. Resumidamente, todo e qualquer lugar é fruto de diversos tempos e histórias, que somados entre si conferem-lhe um traço distintivo e singular (NAKAGAWA et al., 2011).

O bairro da Liberdade pode ser então compreendido como um fragmento da totalidade cidade de São Paulo, resultante e resultado dos processos sociais organizados pelo homem que vive em sociedade ao longo da história; e como não há evento sem ator e sem sujeito (SANTOS, M., 2017), a Liberdade conta para sua constituição também com agentes públicos e privados, especificamente o poder público, que é o único agente com força e poder de lei necessária capaz de “remover outros agentes e objetos inconvenientes para os novos investimentos” (SANTOS, 2006) para implementação do projeto que consolida profundamente a imagem nipônica do bairro.

Como aponta Carlos (2020), é no espaço que se pode ler a realidade e as possibilidades concretas de realização da sociedade. Dessa forma, a cultura e a arquitetura oriental no bairro constroem uma representação homogênea do espaço como forma da realidade, apagando outras formas históricas e culturais que coexistem a ela e diluindo a história negra precedente através de um processo de redução narrativa do lugar (BERDOLAY e PAES, 2008).

É possível interpretar que o bairro da Liberdade (como local de visitação turística) surge através de um processo de ressignificação⁷ simbólica do lugar, a partir de uma repaginação da sua imagem e uma maior atribuição de valor comercial e turístico ao bairro. Ressignificar então é a capacidade de atribuir um novo significado a algo, alguém ou a algum lugar, a partir da transformação dos valores utilizados para ler determinadas histórias e, com isso, alterando a compreensão da realidade.

Em suma, ressignificação, no contexto deste presente trabalho, é a transformação das narrativas do bairro da Liberdade durante sua história, de modo que pareça existir somente a cultura asiática no lugar.

Esse processo de ressignificação é altamente seletivo, sustentado por narrativas que salientam cenários particulares (BERDOLAY e PAES, 2008, p. 34) e que levam, conseqüentemente, à uma seleção redutora de um sistema de representações como aponta Cifelli (2016), criando uma arquitetura única que reforça uma identidade. Com isso, é possível observar a escolha clara de não contar a história dos negros, escolha que muda por completo as características do bairro, sem se esquecer de que os asiáticos também eram minoria no bairro da Liberdade em sua chegada durante as décadas de 1910 a 1920.

2.1 A história dos negros

Quem visita a Feira da Liberdade nos finais de semana nem imagina sua história anterior. O bairro, que já foi majoritariamente negro, teve sua história baseada em anos de escravidão e tortura dos escravizados. Seu nome de origem, inclusive, é proveniente da história do soldado negro Francisco José das Chagas, que havia sido alforriado e seria executado no Largo da Força (atual praça da Liberdade) em 1821, após liderar uma revolta em Santos contra o não recebimento dos salários dos funcionários (MILANO, 2012)

⁷ Atribuir um novo significado a algo ou alguém.

Apesar disso, de acordo com histórias que circulam, a corda em que ele seria enforcado se arrebitou três vezes, gerando comoção na população que assistia e que começou a gritar “Liberdade” ao soldado, conforme conta Milano (2012):

“Chegou a vez de Chaguinhas, olhado com simpatia, pois todos o consideravam inocente do crime que lhe era imputado.

O carrasco enlaçou-lhe o pescoço, suspendeu-o com a força a boa altura e, diante do assombro de todos, o corpo voltou ao chão, por ter-se rebentado a grossa corda!

Novo baraço, nova elevação e, como da primeira vez, a corda rebentou.

A multidão clama pelo perdão do réu, não sendo atendida.

Vem uma nova corda, que ainda não consegue o resultado desejado.

O povo explode em gritos, em imprecções:

- Está inocente!...É inocente!...Libertem-no!...Perdoem-no!...

O carrasco, porém, espumando de raiva, toma uma quarta corda, arma-lhe o laço ao pescoço e não tarda a sorrir cinicamente para a multidão indignada.

Chaguinhas era cadáver”.

Por fim, Chagas foi executado na quarta tentativa, causando uma revolta popular que o tornaria um mártir aos presentes e lhe daria a devoção da população local, se tornando o santo popular responsável pelo nome que o bairro tem até hoje e permitindo, através dessa devoção popular, que a narrativa se mantivesse viva ao longo dos anos.

Exemplo de sua força é o atual documentário chamado Projeto Chaguinhas, desenvolvido em um projeto estudantil entre 2020 e 2021 (Figura 17), assim como o 1º cortejo em memória ao Chaguinhas, que ocorreu em 20 de setembro de 2018 e continua anualmente, conforme aponta Abílio Ferreira.⁸

⁸ FERREIRA, Abílio. Depoimento [set. 2021]. Entrevistador: Camila da Cunha Onofre, 2021. Entrevista concedida para elaboração de trabalho de graduação individual do entrevistador.

Figura 17: Panfletos colados na Capela dos Aflitos sobre o Projeto Chaguinhas



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Na época de sua formação inicial, o bairro era caracterizado pelo Pelourinho na Praça da Força (atual Praça da Liberdade), a Capela dos Aflitos, construída em 1799 “para abrigar os excluídos e marginalizados pela sociedade paulista” (Prefeitura de São Paulo, 2021) e que atualmente se localiza quase escondida em uma travessa da Rua dos Estudantes; e o Cemitério dos Aflitos, primeiro cemitério público de São Paulo, destinado ao enterro de condenados, escravos, negros e indígenas.

Até então, a Liberdade e seu entorno, como o atual bairro da Bela Vista, eram consideradas áreas rurais da cidade, sendo ocupada tardiamente (IGEPAC-SP, 1987), e a Capela foi "erguida pela piedade cristã à memória dos pobres enforcados e que o alargamento da rua fez desaparecer do Largo da Liberdade" (MILANO, 2012, p. 119).

Figuras 18 e 19: Capela de Nossa Senhora dos Aflitos - Liberdade, São Paulo.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

No mesmo período, o local do cemitério era considerado o limite sul da cidade: entre o Caminho de Carro para Santo Amaro e o Caminho do mar. Atualmente, está na área entre as ruas Galvão Bueno, dos Estudantes e da Glória (Figura 20), aponta Yamagawa (2020), conhecido como o Conjunto das Ruas da Glória e do Lavapés.

Esse local representa o caminho percorrido por tropeiros antes das ferrovias, sendo tombado pelo CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo em 2018 (Resolução Conpresp nº 25/2018); um importante sítio arqueológico que acompanhava o traçado do Rio Tamanduateí.

Figura 20: Rua da Glória, 1860



Fonte: Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo, 1987.

Em relação ao Cemitério, sua existência foi reforçada após um grupo de arqueólogos ter identificado ossadas – a maioria de adultos, no segundo semestre de 2018. Segundo a arqueóloga Sônia Cunha, que cuida das escavações na região – na Rua Galvão Bueno (Figura 21), onde iniciaram obras para construção de um prédio comercial, essas pessoas foram enterradas no período da escravidão no Brasil (entre 1775 e 1858), o que levantou o debate sobre o apagamento histórico que aconteceu no bairro e a importância da preservação da memória.

Coincidentemente, a data da descoberta das ossadas é próxima à mudança de nome da estação do metrô, quando o nome “Japão” foi acrescido ao título, permitindo ser interpretado como outro movimento que novamente vem para reforçar a identidade do bairro como asiática.

Figura 21: Terreno onde ossadas foram encontradas, na Rua Galvão Bueno, 2019.



Fonte: Matéria jornalística Negros querem memorial em antigo cemitério na Liberdade da Folha de São Paulo, 14 de novembro de 2019.

De acordo com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e reforçado por Abílio Ferreira⁹, a Liberdade também "abrigou organização de ex-escravos e descendentes como a Frente Negra Brasileira e, mais tarde, o Paulistano da Glória, um sindicato de domésticas que virou escola de samba e era liderado pelo renomado sambista Geraldo Filme". Isso mostra o quão forte foi a presença desse povo no lugar antes das mudanças que hoje perpetuam o bairro.

⁹ Em entrevista concedida a autora no dia 28/09/2021.

Em meados do século XIX houve a desativação da força e em 1881 o nome do bairro foi alterado para Praça da Liberdade por sua ligação com o Chafariz da Liberdade, localizado junto ao Largo do Curso Jurídico (atual São Francisco), aponta Sevcenko (2004), versão diferente da história sobre a toponímia do bairro e que apaga a morte de Chagas. No mesmo ano o Cemitério dos Aflitos foi desativado e, somente em 1885, loteado.

Esse período histórico é também marcado pelo início da urbanização da cidade de São Paulo, instigado pela produção cafeeira e que tem em uma de suas características principais o desenvolvimento da malha ferroviária paulista, como a construção da São Paulo Railway (hoje, Santos-Jundiaí) e da Estrada de Ferro Sorocabana, que são significativas para a circulação de pessoas e mercadorias, tal como para uma maior diversificação de atividade urbanas.

Entre 1880 e 1890 tem-se o período de maior desenvolvimento ferroviário de São Paulo, que coincide com outros dois momentos importantes de mudança não só na cidade, como no país de forma geral, como aponta Santos (2019):

1. Um debate intenso entre a elite brasileira sobre a modernização do país e a construção de uma identidade nacional pautada fortemente na história europeia, que leva à exclusão da história negra;
2. A imigração em massa para a cidade de São Paulo, que vem de acordo as políticas de branqueamento da população a partir da vinda de imigrantes europeus, provocando um "abandono da população egressa da escravidão" (SANTOS, 2019) e, simultaneamente, uma "europeização" da população brasileira financiada pela elite e pelo próprio Estado.

Os imigrantes que chegaram ao país, sobretudo italianos, passaram a ocupar os espaços mais dinâmicos da economia, como o comércio e a indústria, enquanto os negros ocupavam posições de menor remuneração e menor *status*, como limpadores e carroceiros (SANTOS, 2017, p. 137)

Na Liberdade, passaram a ser também moradores do bairro espanhóis, italianos e portugueses (FANTIN, 2015), que construíram sobrados com porões no nível abaixo da rua os quais viriam a interessar aos imigrantes japoneses no início do século XX por conta do preço baixo dos aluguéis, dando início ao que marcaria a ausência de referência do negro na história do bairro da Liberdade a partir de uma reformulação da cidade paulista em alguns de seus fragmentos, que constrói uma realidade na qual pouco cabe a história dos negros mortos e enterrados no antigo Cemitério dos Aflitos.

É importante salientar como ao longo da história brasileira a população negra foi inserida em condições precárias e subalternizadas de reprodução social, respaldada por um falso culturalismo – e reforçado pela elite brasileira que financiou projetos de branqueamento nacional. Para Jessé de Souza (2017), o culturalismo pode ser entendido como um "senso comum" para explicar as diferenças sociais no mundo, reproduzido especialmente pelos EUA pós Segunda-Guerra.

O Culturalismo vem, então, para tentar apagar um paradigma racista especialmente nas ciências sociais, passando a justificar o comportamento das pessoas e suas posições sociais a partir do estoque cultural que elas herdam, ao invés de suas características fenotípicas, como afirma Jessé. Dessa maneira, o culturalismo nada mais é que a substituição da raça pelo estoque cultural, tornando “invisíveis os processos históricos de aprendizado coletivo” (SOUZA, 2017, p. 15) que criam distinções tão naturalizadas e propagadas –antes pela igreja e hoje pela mídia e a indústria dos bens de consumo cultural– que fazem parte do nosso comportamento diário sem que percebamos, como é o caso da “naturalização” do bairro da Liberdade como local exclusivo da cultura asiática para a população paulistana. Essa ação demonstra que o racismo ultrapassa o âmbito individual, frisando a ação do poder público como elemento constitutivo das relações sociais a partir de aparatos institucionais de controle (ALMEIDA, 2018).

Como também aponta Silvio Almeida (2019) em entrevista concedida a Lilia Schwarcz no canal Lili Entrevista¹⁰, todo esse processo supracitado decorre de um racismo estrutural¹¹, que pode ser entendido como um fenômeno conjuntural que constitui os sujeitos e as relações no seu padrão de normalidade. Em suma, para Almeida, o racismo na sociedade brasileira é visto como algo normal no sentido de que, independentemente de ser aceito ou não –e o autor reforça que não se deve aceitá-lo–, ele é uma forma de compreensão das relações sociais, influenciando diretamente em ações conscientes e inconscientes da vida cotidiana como na política, economia e na subjetividade do ser. “O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.” (ALMEIDA, 2018).

Não há racismo que se sustente sem teoria. É preciso da educação, de instituições, e de intelectuais, entre tantas outras estruturas que reproduzam as subjetividades para

¹⁰ Entrevista concedida ao canal do Youtube Lili Entrevista em 9 de maio de 2019.

¹¹ Para Almeida, todo racismo é estrutural, pois é o elemento de integração da organização política e econômica de uma sociedade. Assim, todas as outras classificações de racismo são parciais e, portanto, incompletas. (ALMEIDA, 2018).

funcionar a partir da lógica da desigualdade, aponta Almeida (2019). Dessa maneira, olhando para o bairro da Liberdade, vemos o poder dos agentes públicos e privados na construção de uma subjetividade baseada em uma elite, assunto que será melhor desenvolvido adiante.

2.2 A história dos japoneses

Por sua vez, a imigração japonesa para o Brasil começou oficialmente em 18 de junho de 1908, com a chegada do navio Kasato Maru no porto de Santos, que contava, segundo os registros da época, com 781 pessoas entre passageiros e tripulantes de acordo com dados do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Essa foi a primeira leva que totalizaria cerca de 200.000 japoneses chegados ao Brasil até a década de 1960, conforme dados oficiais também do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Os recém-chegados se direcionaram para a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo para definir os locais de trabalho e cuidados com a papelada, e seguiam para o interior nas fazendas de café, especialmente no oeste paulista.

No entanto, a proposta inicialmente oferecida aos trabalhadores japoneses não condizia com a realidade; condições precárias de acomodação, a exemplos de uma cabana típica dos imigrantes como nas figuras 22 e 23, extensas horas de trabalho e baixos salários desmotivaram os trabalhadores nas fazendas de café.

Figuras 22 e 23: Reconstrução de uma cabana típica na qual viviam os imigrantes - Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Devido a isso, muitos dos imigrantes que chegavam em São Paulo passaram a se fixar em outros lugares – como na atual região Central e no bairro da Liberdade–, tentando realizar o sonho de acumular dinheiro rapidamente e retornar ao Japão, que passava por uma fase de grande empobrecimento da população após o fim do feudalismo, uma explosão demográfica e a mecanização da agricultura no final do século XIX (GELONEZE E YAMANAKA, 2008).

De acordo com o site Cultura Japonesa, dirigido por Francisco Noriyuki Sato, descendente de família japonesa e jornalista, a história do bairro da Liberdade se inicia em meados de 1912, quando muitos dos imigrantes japoneses passaram a residir na rua Conde de Sarzedas (Figura 24), que conta com localização privilegiada no centro de São Paulo e permitia um deslocamento mais fácil pela cidade.

Figura 24: Ilustração da configuração da R. Conde de Sarzedas e arredores (1910-1940).



Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, grifo nosso. Imagem tirada do site do museu, em 12/05/2021 por guia online. [www. https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/](http://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/)

A partir disso, diversas atividades comerciais foram se desenvolvendo para a coletividade nipônica na rua, tais como uma casa de doces, pequenos restaurantes, pensões e até mesmo mercearias, formando o que ficaria conhecida como "a rua dos japoneses". Conforme aponta Sato,

Em 1932 eram cerca de 2 mil os japoneses em São Paulo. Eles vinham diretamente do Japão e também do interior, após encerrarem o contrato de trabalho na lavoura. Todos vinham em busca de uma oportunidade na cidade.

Cerca de 600 japoneses moravam na rua Conde de Sarzedas e na rua dos Estudantes. (SATO, 2012)

Apesar de uma perspectiva positiva, o cenário passou a mudar. Sato diz que, com o início da Guerra Pacífico-Asiática¹² (1941-1945) o governo de Getúlio Vargas em 1942 “rompeu relações diplomáticas com o Japão, fechando o Consulado Geral do Japão (...) No dia 6 de setembro, o governo decretou a expulsão dos japoneses residentes nas ruas Conde de Sarzeda e dos Estudantes”, suspendendo também as publicações dos jornais em língua japonesa.

Somente após a rendição do Japão na guerra, em 1945, a situação voltou a ser como antes e as famílias se restabeleceram no bairro. O Cine Niterói foi considerado um marco para o bairro da Liberdade, inaugurado por Yoshikazu Tanaka em 23 de julho de 1953 na rua Galvão Bueno (KISHIMOTO, 2009). Era formado por um edifício comercial que contava com uma sala de projeção no térreo para 1.500 espectadores, exibindo semanalmente filmes produzidos exclusivamente no Japão. Com o sucesso do cinema, mais salas surgiram para atender ao público nipo-brasileiro, sendo inaugurado o Cine Nippon que contribuiu para fomento do desenvolvimento de um maior comércio local, aponta Sato, como mostram as imagens abaixo (Figuras 25 e 26).

Figuras 25 e 26: Cine Niterói, inaugurado em 1959 e Loja destinada a comunidade Japonesa, respectivamente. Sem data disponível.



Fonte: Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, 2021.

¹² Foram conflitos entre o Japão e os Estados Unidos, ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial após o ataque japonês a Pearl Harbor – importante base naval norte americana– localizada em Honolulu, Havaí.

A rua Galvão Bueno passou a ser o referencial do bairro japonês, crescendo ao redor do Cine Niterói e atraindo novos comerciantes, o que levou à fundação da Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade em 1965, e, anos mais tarde, da construção do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, fundado em 1978.

Nesse passo, a Liberdade já estava consolidada como um bairro comercial e de passagem para os visitantes da cidade entre o final da década de 60 e o início da década de 70. Desse modo, “deixou de ser um reduto exclusivo dos japoneses. Muitos deixaram de residir na região, mantendo apenas seus estabelecimentos comerciais. Então, passou a ser procurado também por chineses e coreanos” (SATO, entre 2012 e 2020).

Capítulo 2. Sobre o consumo da cultura asiática no Brasil e o bairro da Liberdade

3. O Consumo da cultura asiática

No Brasil, a cultura oriental inseriu-se de forma bem-sucedida no cotidiano da população, ainda que seja advinda do outro lado do mundo e com uma grande barreira linguística. "A relação que se desenvolveu entre as culturas japonesa e brasileira é uma das experiências bem-sucedidas de integração entre povos que ocorreram no século 20 (...)", defende Frosi (2018), apontando que coube às artes marciais, em especial ao Jiu Jitsu, superar, na prática, as barreiras de comunicação.

Ao longo do tempo, ocorreu um movimento de inserção da religião budista no país, além da popularização do consumo de chá e a inserção da leitura no estilo de mangás após a Segunda Guerra Mundial. Houve também uma crescente influência na culinária e das artes plásticas entre a década de 1960 e 1970, perfeitamente exemplificada pela japonesa naturalizada brasileira Tomie Ohtake, responsável por marcos na paisagem urbana de São Paulo como seu próprio Instituto de artes (Instituto Tomie Ohtake) fundado no ano 2000 na Av. Brigadeiro Faria Lima, como aponta Paulo Miyada, curador do instituto Tomie Ohtake em entrevista para BBC News.¹³

Outro fator crucial para o fomento do consumo da cultura asiática é a criação da chamada Feira da Liberdade, inaugurada em 1975 e realizada até os dias de hoje aos finais de semana na Praça da Liberdade. Pensada inicialmente para expor o artesanato de origem

¹³ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44526338>

japonesa, hoje conta com barracas culinárias com pratos típicos, itens de beleza e vestuário.

Atualmente, tem-se como tendência de consumo no Brasil e no mundo dois gêneros muito famosos:

1. Os animes¹⁴ e mangás¹⁵, subprodutos da cultura pop japonesa;
2. O fenômeno do pop sul-coreano conhecido popularmente como *K-pop*.

O primeiro gênero refere-se aos desenhos animados e as histórias em quadrinhos, respectivamente. Sua explosão no Brasil ocorreu a partir da década de 1990 com a exibição do desenho “Os Cavaleiro dos Zodíaco” na televisão, assim como o sucesso, anos mais tarde, de outros animes como “Naruto”, “Pokemon”, “One Piece” e “Dragon Ball Z”. A introdução do gênero no país, no entanto, ocorreu logo após a Segunda Guerra Mundial, pelos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil. Para designar os fãs de cultura pop japonesa utiliza-se o termo “Otaku”. (BRAZO, 2017, p. 11)

Já o segundo, tornou-se muito famoso entre os jovens e adolescentes através de bandas coreanas. “BTS”, “Blackpink”, “Exo”, “Redvelvet” e “Super Junior” são bons exemplos de sucesso no país. Esse estilo musical, popularmente conhecido por “K-pop” está crescendo cada vez mais no cenário musical global, sendo difundido especialmente pela facilidade de acesso à internet nos dias atuais. Apesar de parecer novidade, o estilo nasceu na década de 1990, ganhando força mundialmente em 2012 com a famosa música “Gangnam Style” do cantor Psy.

Posto isto, é certo dizer que o bairro da Liberdade se configura como um lugar que é objeto de consumo com seu atrativo turístico partido de uma construção social desde a instalação dos imigrantes japoneses e posteriormente coreanos, chineses e taiwaneses que incentivam o consumo da cultura asiática.

À exemplo disso temos o mapa abaixo (Figura 27), que serviu para o recorte espacial de definição da área de estudo e explicita não só a localização dos pontos de visitação turísticos mais procurados e visitados no bairro, como a variedade de segmentos turísticos que o bairro consegue abranger desde uma livraria típica, a restaurantes e mercearias e o famoso Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

¹⁴ O termo anime vem do inglês animation e é popularmente usado no Brasil para se referir especificamente a animações de origem japonesa.

¹⁵ São histórias em quadrinhos igualmente de origem japonesa, caracterizadas por serem lidas da direita para a esquerda.

Figura 27: Lugares mais visitados na área de estudo.



Fonte: DataGeo (2022) e ESRI (2021). Elaborado por Camila da Cunha, 2021.

Apesar de não estarem mapeados por não cumprirem todos os requisitos selecionados, o Sogo Plaza e a cafeteria 89°C Coffee Station tem atraído igualmente muitas pessoas ao bairro da Liberdade, com a segunda em especial viralizando em redes sociais como o Instagram e o *Youtube*, visto que as cafeterias inovadoras e com produtos chamativos e diferenciados de padarias usuais tem sido a nova aposta de modernização do bairro, podendo futuramente se tornar um dos maiores pontos de visitação turística de todo o bairro da Liberdade.

Capítulo 3. A invenção turística do bairro da Liberdade

4. Arquitetura e a construção estética do bairro oriental

Retomando a ideia supracitada quanto aos elementos arquitetônicos típicos do bairro da Liberdade, é importante ressaltar que esse é um meio onde as relações sociais se tornam possíveis e se “especializam”. Essa arquitetura se revela, portanto, nas suas interações com o usuário (MALARD, 2006). Dessa forma, a Liberdade não pode ser compreendida sem a noção de espacialidade, assim como a espacialidade e as aparências arquitetônicas não fazem sentido fora de sua relação com o bairro.

Para isso, entender a construção estética tipicamente oriental do bairro da Liberdade é imprescindível, mostrando o poder de agentes públicos e privados na construção da subjetividade de um espaço como dito anteriormente.

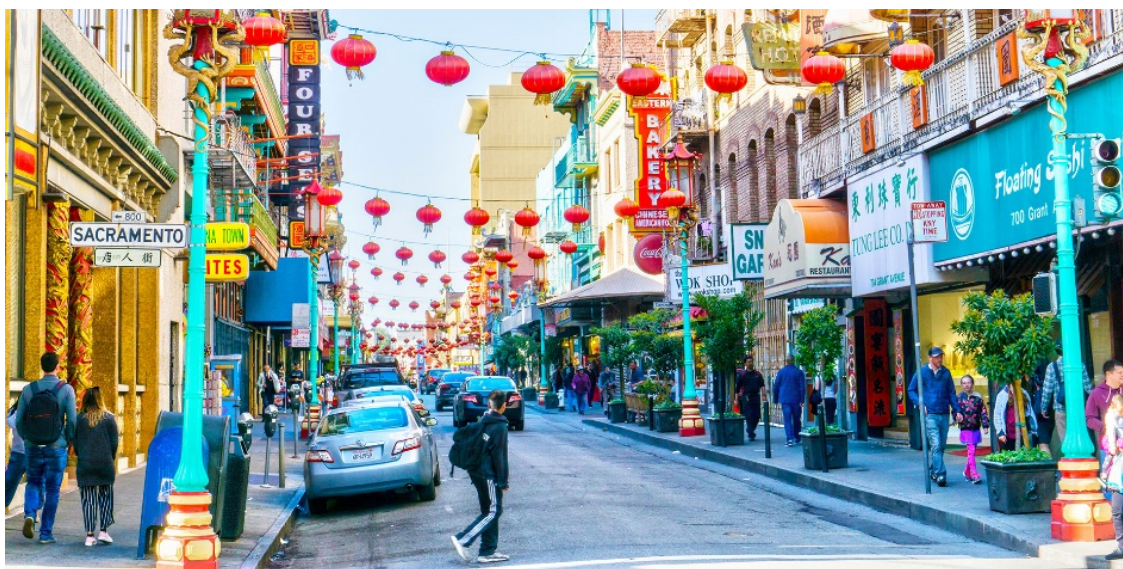
Em 1974, quando foi inaugurado o Metrô e reaberta a Avenida Liberdade, completamente remodelada, atendendo aos pedidos da Associação dos Lojistas, a Secretaria Municipal de Turismo, com auxílio destes, comprometeu-se a incentivar a implantação de um plano paisagístico, dando ao bairro uma caracterização oriental. (IGEPAC-SP, 1987)

Datada do final da década de 1960 e início de 1970, o projeto de uma identidade asiática tem início com a implementação do “Plano de Orientalização da Liberdade” idealizado pelo jornalista Randolpho Marques Lobato e financiado pela Prefeitura de São Paulo junto da secretaria de turismo municipal, pensado para incentivar os lojistas da região com um plano paisagístico, tornando-se possivelmente o principal evento de modificação do bairro dentro de sua história.

O projeto de orientalização teve como objetivo construir o equivalente a uma Chinatown¹⁶ (Figuras 28 e 29) paulista, criando uma identidade oriental no bairro pela instalação de equipamentos urbanos como o portal Torii e as lanternas *suzuranto*. (NAKAGAWA et al., 2011), que se tornaram referência a cultura asiática no Brasil, mas que não necessariamente são representações das reais sociedades asiáticas, conforme aponta Ang (2019) ao interpretar as Chinatown como uma ideia, um conceito urbano imaginado, ao mesmo tempo que é uma realidade advinda de projetos de fabricação de Chinatown pelo mundo, visto que essas cidades existem em diversos países exceto, evidentemente, na própria China (ANG, 2019, p.2, tradução nossa¹⁷).

Dessa maneira, os elementos arquitetônicos do bairro –como as lanternas japonesas, sempre muito marcantes– se tornaram portadores de símbolos e, com isso, oferecem uma consciência social (SCIFONI, 2015) a ele, expressando um passado e sendo capaz de mobilizar memórias coletivas conforme aponta a autora (op cit). Como exemplo disso, temos a falsa ideia de que a Liberdade sempre se constituiu da forma que conhecemos hoje, se tornando uma referência simbólica da cultura japonesa no bairro embasada um estereótipo reducionista dos asiáticos.

Figuras 28 e 29: Chinatown de São Francisco-Estados Unidos e Londres-Inglaterra, respectivamente.



¹⁶ Chinatown são bairros urbanos famosos que remetem cultura asiática (especialmente chinesa) fora da China, com comércios e restaurantes típicos. O mais famoso –e também mais antigo– se localiza na cidade de São Francisco nos Estados Unidos, mas existem outros pelo mundo, como em Londres (Inglaterra), em Melbourne (Austrália), em Paris (França). Amsterdã (Holanda) e em Bangkok (Tailândia).

¹⁷ No original lê-se: Areas known as Chinatown exist in cities throughout the world, although not, evidently, in China itself



Fonte: Disponível em Marriott Bonvoy Traveler. (www. <https://traveler.marriott.com/>, sem data disponível)

A Liberdade, dessa forma, passa por um processo de urbanização turística que cria toda infra-estrutura necessária para que aconteça o turismo no lugar (CRUZ, 2000) baseado em experiências de outras Chinatown de sucesso pelo mundo. Afinal, antes desse período o bairro ainda se caracterizava majoritariamente como residencial, abrigando inclusive parte da leva de imigrantes coreanos que vieram para São Paulo na década de 1960.

A partir disso, ocorrem diversas transformações espaciais para consumo e produção de espaços para e pela realização do turismo. Isso significa que o bairro da Liberdade, tal qual outras Chinatown do mundo, são espaços que se organizaram metodicamente para atividades turísticas, gerando novas paisagens urbanas com finalidade única de consumo do espaço, da cultura local e dos bens, incentivado especialmente pela publicidade turística que funciona como um método potencial de transferência de significados, "reunindo o bem de consumo e uma representação do mundo **culturalmente** constituído no contexto" (McCRACKEN, 2007, grifo nosso).

É no momento de criação da Liberdade tipicamente oriental que conhecemos hoje que a publicidade turística ganha destaque, pois "o objetivo da comunicação publicitária é exercer influência sobre o consumidor" (RODRIGUES, 2011), persuadindo-o a

consumir um produto –que pode ser um lugar–. Aliado a esse processo, o marketing cultural também ganha destaque, trazendo o quesito cultural e tradicional do bairro na sua divulgação e visibilidade como um lugar de consumo. É preciso, portanto, de uma boa comunicação para desenvolvimento de público fazendo-o se sentir pertencente ao lugar e a sua cultura (LIMA, 2013).

Essa comunicação persuasiva, então, faz o público ver o bairro como um lugar de consumo capaz de proporcionar uma experiência única, não encontrada em nenhum outro local da cidade: é no bairro que se tem a venda de comidas típicas, produtos de beleza e roupas importados, artigos domésticos asiáticos, produtos ligados a cultura pop atual como mangás, entre tantos outros. É selecionando apenas uma imagem de prestígio e beleza, que atribuí uma imagem positiva ao bairro.

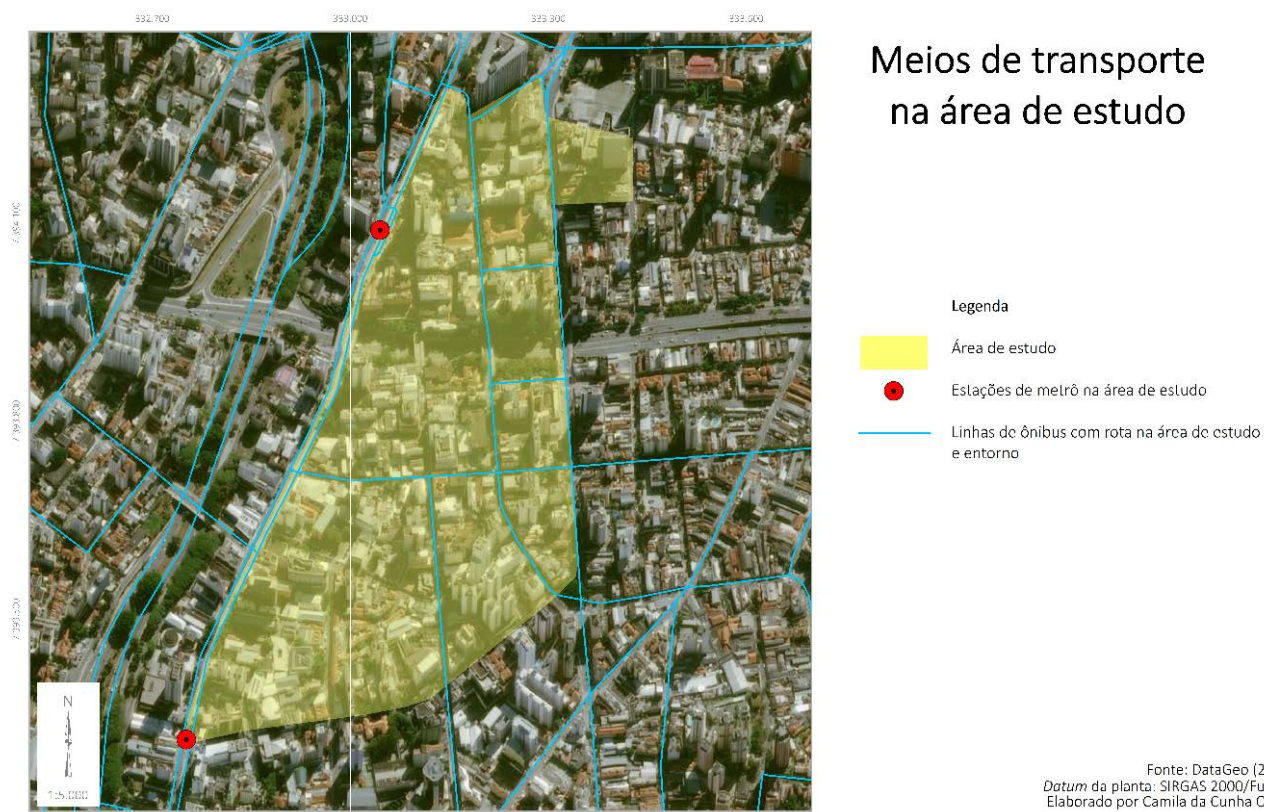
Partindo de uma representação cultural construída, ou melhor, uma identidade forjada, a construção do bairro da Liberdade (ou da Chinatown paulistana) é um projeto, acima de tudo, de submissão de uma cultura a outra. No caso, por óbvio, da narrativa negra pela narrativa asiática, especialmente nipônica.

Para Meneses (1996) a cultura é o universo da seleção, da opção. Esses valores por sua vez não são valores espontâneos e sim selecionados por grupos específicos para se tornarem condição de produção e reprodução da sociedade. Ou seja, sobre a égide da indústria cultural, regida pelo mercado, significa que a cultura se torna mais um mecanismo de segregação social que serve, aqui, aos lucros advindos do turismo.

Junto disso, no contexto de urbanização turística do bairro em 1968 se formaliza a constituição da Companhia do Metropolitano de São Paulo, quando se iniciam as obras da Linha 1-Azul (Jabaquara-Tucuruvi), a primeira do metrô de São Paulo e do Brasil. A estação Liberdade, hoje conhecida como Japão-Liberdade, foi inaugurada em 1975. Importante pontuar que um lugar para ser turístico necessita de um fácil acesso, com rotas ou caminhos que facilitem o fluxo de turistas.

A inauguração da Linha 1-Azul do metrô na década de 1970 é um marco essencial, contando hoje com diversas estações (inclusive de outras linhas do metrô como as Linhas 2-Amarela e 3-Vermelha) relativamente próximas, além de cerca de 130 linhas de ônibus que passam no bairro e seu entorno (Figura 30).

Figura 30: Estações de metrô e linhas de ônibus próximas ou inseridas na área de estudo - Capital.



Fonte: DataGeo. Elaborado por Camila da Cunha, 2021.

Esses processos, aliados entre si, mostram novamente um claro intuito de consolidar a Liberdade como um núcleo tipicamente oriental, corroborado pela mudança no nome da estação de metrô, delimitando um espaço turístico a partir de um critério étnico-racial e tornando-o um atrativo turístico nacional e internacional que contribuí diretamente para o apagamento e a negação da presença afro-brasileira na Liberdade.

Em conversa concedida para este trabalho, Aloysio Letra, artista e compositor do samba Rua da Glória aponta:

Acho importante considerar que o projeto de privilegiar uma minoria idealizada, ou seja, uma minoria asiática (...) As minorias que são privilegiadas em relação aos outros, normalmente elas os são pela branquitude, pela população branca da elite no processo de se escolher as migrações ideais. A pop. Asiática possui tradição, a população negra não antagoniza com a asiática nesse sentido, a gente tem uma disputa pelo nome do bairro da liberdade, né, pra reivindicar nossa presença ali também, mas ao mesmo tempo a gente sabe, como população negra, que o projeto ali é um projeto encampado pela branquitude daquela época. Não é um projeto no qual somente os asiáticos tem responsabilidades, né, até porque eles eram minorias naquele processo e passando dificuldades pela imigração.

Dessa forma, é importante salientar de que todo esse processo ocorre de cima para baixo, o que significa que forças externas (e coercivas) como o poder público, assim como a elite paulista da época, que financiam e apoiam o projeto, fizeram com que tudo se concretizasse – o que não significa que ele fosse totalmente aceito pela própria comunidade asiática que residia no bairro da Liberdade na época, ou que só uma parcela da comunidade aceitasse efetivamente o projeto, visto que o asiáticos também são uma minoria no Brasil.

4.1 A atividade turística e a redução narrativa

Para entendimento da temática proposta, é preciso pensar no turismo e na atividade turística como uma prática social da modernidade, com capacidade de interligação de vários setores da vida –econômico, social, cultural e ambiental–, atuando por vezes como fator fundamental no desenvolvimento de uma região. O turismo tem capacidade, por exemplo, de modificar profundamente a vida de moradores locais, assim como atribuir novas características a um lugar.

Seus aspectos positivos estão diretamente ligados a possibilidades econômicas, gerando empregos, valorizando o trabalho local e possibilitando o intercâmbio cultural. Os aspectos negativos podem, no entanto, impactar direta ou indiretamente no meio ambiente e na cultura local, descaracterizando-os em muitos dos casos. Ao pensar em um planejamento turístico é preciso mensurar o somatório das práticas no que se refere aos seus impactos sobre as relações socioculturais e ambientais nos lugares.

Ao longo da história sempre houve vinculação do turismo com projetos políticos nacionais, "onde pesam diferenças de poder das distintas camadas sociais e fatores ideológicos" (BRUSADIN, 2002) que impactam diretamente quais localidades serão escolhidas para serem viáveis e rentáveis à atividade turística.

O turismo, no entanto, não é necessariamente desejável ou viável em todas as localidades. Antes de implementar o turismo cada comunidade deve verificar se dispõe de recursos adequados para desenvolver turismo, se existem mercados de turismo potenciais e suscetíveis de serem atraídos pela localidade, se a comunidade precisa do turismo para atingir os seus objetivos de desenvolvimento econômico, se existe mão-de-obra e infra-estrutura suficientes para suportar o turismo. (BRUSADIN, 2002).

Por sua vez, é importante ressaltar novamente o papel do Estado e, igualmente, dos órgãos patrimoniais e secretarias municipais ao selecionar e valorizar, material e simbolicamente, referências culturais consideradas dignas de reconhecimento e

relevância, conforme aponta Cifelli (2016). A exemplo disso temos a Feira da Liberdade, que é coordenada pela Subprefeitura da Sé.

Tais decisões buscam legitimar uma seleção de períodos históricos e de parcelas do território em que se pretende valorizar enquanto entes representativos de uma totalidade espacial e temporal (...) Os referenciais mnemônicos e identitários que evocam são territorialmente seletivos, socialmente excludentes e simbolicamente redutores. (CIFELLI, 2015, p.366)

Sendo assim, a atividade econômica do turismo opta, indiscutivelmente, por evidenciar uma parcela das localidades ao invés de sua totalidade quando decide implementar o turismo em dado lugar, especialmente ao se considerar o Brasil, um país com pluralidades étnico-sociais ao longo de toda a sua história.

No bairro da Liberdade não foi diferente, visto que a valorização da cultura nipônica omite "os referenciais mnemônicos dos negros escravizados, subvalorizados nas narrativas historiográficas e nas referências materiais da memória preservada"(CIFELLI, 2015, p. 398) nessa localidade, levando a uma “redução narrativa” sobre o lugar. Ou seja, passam a representar o bairro da Liberdade, que é apenas um fragmento do espaço, como uma suposta hegemonia nipônica (dentro de uma visão ocidental) que certamente não existe, visto que o espaço é uma sobreposição de temporalidades e culturas distintas.

Assim, a “redução narrativa”, conceito proposto por Vincent Berdoulay (2008) pode ser compreendido como a seletividade intencional de áreas estratégicas da paisagem, com intuito de valorizar e vender determinadas localidades e/ou histórias, consequentemente ocultando outras.

No bairro da Liberdade, assim como ao longo da história do Brasil, a redução narrativa é mais uma tentativa –bem-sucedida- de apagamento da cultura negra, reforçando uma inferiorização do negro diante de outras narrativas. Como aponta Gomes (2005, p. 43), “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros”.

A exemplo disso, temos o tombamento da Capela Nossa Senhora dos Aflitos ou Capela dos Aflitos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) em 1979 e pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP) em 1991.

O ato de tomar, ou seja, registrar, assegurar e garantir a existência de um patrimônio pelo Estado é visar a garantia de uma memória coletiva, mantendo seu reconhecimento e reafirmando uma identidade nacional e uma ligação entre o passado e o presente, seja um patrimônio com valor cultural, histórico, artístico ou paisagístico (FREITAS; GUIMARÃES, 2017), inserindo a concepção do espaço geográfico como portador de representações, de imaginário social e de tramas narrativas que o estruturam. (PAES, 2009)

A valorização do patrimônio cultural para fins turísticos evidencia a associação entre o urbanismo e o planejamento do território na produção de imagens e discursos que privilegiam ou excluem determinadas memórias e paisagens do território. As imagens valorizadas, construídas ou recuperadas com o objetivo de mercantilização das paisagens, de fortalecimento dos lugares e de produção de territorialidades, participam de uma construção simbólica com base espacial (...) Este tipo de reabilitação centra esforços na produção estética das paisagens atrativas para o turismo, na produção do cartão-postal fixo do patrimônio arquitetônico eleito, e homogeneiza as imagens em detrimento de identidades culturais variadas que convivem no espaço público urbano. O espaço público assim concebido orienta o olhar e elimina a diversidade de símbolos e signos culturais que coexistem nas cidades. (PAES, 2009, p. 166-167)

O que vemos na Liberdade, no entanto, vai em desencontro com a tendência de valorização do patrimônio cultural e do seu entorno ao tombá-lo. A Capela dos Aflitos, apesar de assegurar uma memória coletiva da presença negra no bairro, não consegue trazer à tona de forma mais incisiva esse período da história quando comparada aos orientais, que se sobrepôs com força à história negra; se tornando o cartão postal e a cara do bairro da Liberdade.

Como aponta o jornalista Abílio Ferreira¹⁸, "há uma tentativa de manter a hegemonia japonesa no bairro da Liberdade", impedindo que todos os atores tenham espaços equivalentes no bairro. Um exemplo dessa tentativa de hegemonia é a falta de verbas pela prefeitura para projetos de revitalização do beco dos Aflitos e a criação de um memorial no terreno onde as ossadas foram encontradas, contando sobre a história negra que estava enterrada. O local das ossadas permanece com tapumes ainda em setembro de 2021, como mostram as figuras, três anos após as ossadas serem encontradas.

¹⁸ Entrevista concedida a Revista Trip - UOL, publicada em novembro de 2019.

Figuras 31 e 32: Local onde foram encontradas as ossadas em escavação no ano de 2018 – Rua Galvão Bueno, Liberdade.



Autora: Camila da Cunha, em 25 de setembro de 2021.

Outro fator que demonstra a força da cultura asiática como hegemônica no bairro é a fala de transeuntes e trabalhadores, entrevistados no dia 25/09/2021 durante o trabalho de campo realizado. Foram entrevistados um total de 40 pessoas que ali transitavam, entre as quais apenas 4 relataram conhecer um pouco a história anterior a chegada dos imigrantes orientais no bairro da Liberdade como mostram fragmentos das entrevistas.

Entrevista 1: “ (...) A história que conheço aqui do bairro é que os orientais vieram cá pela década de 40, né...E aí começaram a se estabelecer no bairro, por isso é um bairro japonês (...) Eu venho aqui tem muitos anos, mas nunca me perguntei muito sobre a história. Mas você tem razão, a história de São Paulo é muito mais antiga que isso se a gente for parar pra pensar e com certeza já teve gente aqui antes.”

Entrevista 2: “Tem ali no fim da rua a Capela dos Aflitos (indicando a rua dos Aflitos) que eu conheço porque morei aqui no bairro um tempo com umas amigas, então eu sei que o bairro já teve escravos e ex-escravos, mas não sei de mais nada da história...”

Entrevista 3: “Eu trabalho aqui há 2 anos como segurança, moça. Mas não conheço quase nada do bairro não. Nunca ouvi falar de nada da história do bairro não.”

Entrevista 4: “ (...) Nossa! E quase não falam sobre isso, né? Eu nunca tinha ouvido falar dessas ossadas e nem da construção desse memorial, e olha que eu tô trabalhando aqui já

tem quase um ano (...) Se tiver algum abaixo assinado pra construção do memorial eu assino!”

Entrevista 5: “É nossa primeira vez aqui. Viemos só para conhecer, experimentar as comidas. Não conhecemos nada da história do bairro não, só que é um bairro japonês e bem famoso.”

Capítulo 4. A Liberdade hoje: um enclave étnico

5. O bairro da Liberdade atualmente: entre 2019 a 2021

Como os espaços são resultantes e resultado dos processos sociais organizados ao longo da história como anteriormente pontuado, o bairro da Liberdade se encontra em constante modificação até os dias atuais; modificações essas que permitem que a história do bairro seja redescoberta, trazendo à tona a ressignificação que lá ocorreu.

Com isso, foi organizada uma linha do tempo (Figura 33) a partir da conversa realizada com Abílio Ferreira, pontuando os eventos mais importantes que aconteceram de 2018 até hoje capazes de mudar o bairro da Liberdade, seja na sua forma física com a construção de novas edificações quanto na sua forma simbólica, visto que o Memorial dos Aflitos trará à luz novas questões étnico-raciais do bairro e do processo de ressignificação pelo qual o mesmo passou.

Figura 33: Linha do tempo dos acontecimentos atuais sobre o bairro da Liberdade



Fonte: Elaborado por Camila da Cunha, em 16 de novembro de 2021.

JUNHO DE 2018

Tem início a demolição (que se diz depois ter sido descoberta como irregular, financiada por um empresário chinês) do sobrado na Rua da Glória, local onde posteriormente encontrariam as ossadas.

No mesmo período, ocorreu a divulgação de uma carta aberta da UNAMCA – Organização que cuida dos assuntos referentes a Capela dos Aflitos– sobre a demolição, dizendo que a mesma afetava a área envoltória da Capela dos Aflitos que havia sido tombada em 1979 pelo CONDEPHAAT visto que o terreno fica nos fundos da capela.

JULHO DE 2018

Ocorre a mudança de nome da praça da Liberdade para Japão-Liberdade, seguindo a norma de nomenclatura do metrô na qual o primeiro nome da estação é sempre do homenageado, seguido do nome antigo, como por exemplo nas estações Corinthians – Itaquera, Palmeiras – Barra Funda e São Paulo – Morumbi.

A primeira sistematização dos nomes das estações foi realizada pela Cia do Metropolitano, baseada no trabalho do Prof. Nestor Goulart que estabeleceu quatro critérios considerados atemporais para a nomenclatura (SILVEIRA, 2014).

Dentre os critérios estão a popularidade, buscando um nome simples e de apelo da população para facilitar a comunicação; a escala metropolitana, indicando um nome com relevância regional; as características do conteúdo, ou seja, nomes de rápida identificação como relação com a história da cidade e por fim as características de forma, sendo um nome simples com boa sonoridade e fácil leitura, evitando palavras estrangeiras ou longas.

O plano de mudança, de acordo com Abílio Ferreira, foi incentivado pelo empresário japonês fundador da famosa Ikesaki, loja de cosméticos e produtos de beleza profissionais com diversas unidades em São Paulo, incluindo duas lojas muito grandes e populares na própria Liberdade. Esse projeto de lei, inclusive, já havia sido vetado inicialmente pelo então prefeito de São Paulo João Dória, mas foi reapresentado (e aprovado) novamente após o mesmo se ausentar para concorrer às eleições para governador.

DEZEMBRO DE 2018

Foram encontradas um total de 9 ossadas no terreno no qual foi demolido o sobrado em junho do mesmo ano, na Rua Galvão Bueno e local do antigo Cemitério dos Aflitos (Figura 34). Foi um acontecimento de extrema relevância, visto que foi noticiado em diversos jornais online, dando visibilidade ao tema e trazendo o debate ao público.

No mesmo mês, foi realizada uma audiência pública sobre o que fazer na área demolida, propondo-se a criação do “Memorial dos Aflitos”, registrando a presença dos negros na região.

Figura 34: Localização do antigo Cemitério dos Aflitos.



Fonte: GoogleMaps. Elaborado por G1, em 05/12/2018. Disponível em: O Globo.

ENTRE 2019-2020

Ocorre a criação da Lei 17.310/2020 que prevê a construção do Memorial dos Aflitos. Atualmente, a lei já foi sancionada pelo poder executivo, mas ainda se espera para que ele saia do papel. Além disso, “o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) estuda formas de garantir a presença de outras narrativas no bairro da Liberdade, conforme reivindicação do movimento negro”.¹⁹

É realizada também a Retomada da Marcha Noturna pela Democracia Racial, um evento oficial sancionado pelo prefeito Gilberto Kassab em 2011 (Lei 15.142/10). A Marcha é um evento para celebração do histórico de resistência da comunidade negra, percorrendo as ruas do centro da cidade de São Paulo que marcaram a trajetória da população e reacendendo a memória de lugares e personalidades importantes. Em 2020, a Marcha saiu do bairro da Liberdade.

¹⁹ Matéria online “Área de antigo cemitério de escravos na Liberdade, Centro de SP, pode ganhar Memorial”, por Vivian Reis, G1. Em 20/11/2019.

ENTRE 2020-2021

Desde 2020, com os impactos da pandemia da COVID-19, não houve muitos avanços em relação a construção do Memorial dos Aflitos no bairro e, até o momento, se espera o projeto entrar para o plano de metas da prefeitura. Enquanto isso, o local está totalmente coberto por tapumes no bairro, quase imperceptível aos turistas que passam em sua frente.

Ademais, em 2021 está em elaboração um documentário chamado Projeto Chaguinhas, um documentário universitário que conta, a partir da figura do santo popular, a história de apagamento da comunidade negra no bairro da Liberdade.

Por fim, como apontou Abílio Ferreira em seu depoimento, é interessante salientar que todo esse movimento iniciado em 2018 está em trâmite sem nenhum posicionamento da comunidade nipônica até o presente momento, seja por incerteza de como se colocar ou por não sentir necessidade de fazê-lo.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho procuramos entender quais eventos foram transformadores do bairro da Liberdade no local de visitação turística que conhecemos hoje. Destarte, entendemos que os eventos, em ordem cronológica, foram:

- A chegada dos imigrantes japoneses, que começou no início do século XX e ganhou força até a década de 1930;
- A construção da estação de metrô na década de 1960, que permite até os dias de hoje uma maior circulação de pessoas;
- O Plano de Orientalização da Liberdade, implementado entre as décadas de 1960 e 1970, que firmou a identidade tipicamente oriental ao bairro e;
- A mudança de nome da estação de metrô e da praça da Liberdade no ano de 2018, com o intuito de reafirmar a narrativa oriental.

Todos esses eventos, aliados entre eles, ainda reforçam uma identidade majoritariamente japonesa no bairro (que fomenta o turismo, visto que é crescente o consumo da cultura nipônica e asiática de modo geral no Brasil), assim como uma escassez na produção literária sobre a história da Liberdade anterior a chegada dos

imigrantes japoneses, que acentua ainda mais o apagamento dos negros. Isso tornou necessário o retalho entre histórias, relatos e documentos oficiais e acadêmicos para uma melhor construção da linha do tempo do bairro que faça jus a sua verdadeira construção.

Assim, é possível compreender que o bairro se configurou a partir de valores e interesses em comum do Estado e de parte da comunidade nipônica, que buscaram promover o bairro como o maior reduto de japoneses nas Américas para fomentá-lo como local de visitação turística, gerando maior lucro e visibilidade ao comércio local e, simultaneamente, apagar a história anterior dos negros; visto que existem narrativas e valores distintos sobre o mesmo objeto – o bairro da Liberdade.

Em contrapartida, temos atualmente o movimento negro que reivindica o bairro da Liberdade como local igualmente pertencente a história negra de São Paulo, como os trabalhos desenvolvidos pela própria Capela dos Aflitos, o historiador e jornalista Abílio Ferreira e pela agência de turismo BlackBird, que promove a Caminhada Negra na cidade, passando por pontos famosos para desvendar lugares e personagens negros que foram invisibilizados na história, de forma a resgatar essas memórias e com capacidade de dar novos rumos às narrativas relativas ao bairro da Liberdade.

Dessa maneira, é possível pensar em uma nova ressignificação do bairro para o futuro, marcada pela construção efetiva do Memorial dos Aflitos de maneira que as narrativas que ali habitam ao longo dos tempos possam coexistir entre si; entendendo que ressignificar é a capacidade de transformar valores relativos a algo ou a algum lugar, atribuindo-lhe um novo significado.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANG, Ien. **Chinatowns and the Rise of China**. *Modern Asian Studies*, 54(4):1-27, 2019

BBC News Brasil. **Do chá ao jiu-jitsu: as influências japonesas na cultura do Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44526338>. Acesso em: 20/07/2021.

BERDOLAY, Vicent; PAES, Maria Tereza Duarte. **Imagem e patrimonialização em planejamento urbano: Salvador (Bahia) e Bordeaux em perspectiva**. *Revista Cidades*, v. 5, nº 7, 2008.

BRAZO, Dionisio de Almeida. **Turismo otaku: Nova tendência de turismo sob o olhar dos otakus no bairro da Liberdade, em São Paulo**. Niterói, 2017.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **POLÍTICA E PLANEJAMENTO DO TURISMO: Avaliação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo**, Uni-FACEF, São Paulo, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”**. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, v.11, n.01, 2020, p. so349-369.

CIFELLI, Gabrielle. **O papel da redução narrativa no processo de valorização cultural e promoção turística do patrimônio de Ouro Preto (MG) e Salvador (BA)**. Boletim Campineiro de Geografia, v.6, n. 2, 2016.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**, SP: ed Contexto, 2000

FANTIN, Jader Tadeu. **Os japoneses no bairro da Liberdade – SP na primeira metade do século XX**. 2013. 138f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

FECOMERCIO SP, **Plano de Desenvolvimento do Bairro: Uma Metodologia Participativa**. São Paulo, SP, 2013.

FREITAS, Marcyo Keveny de Lima e GUIMARÃES, Patrícia Borba Vilar. **Tombamento: um instrumento de efetivação e proteção do patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico nacional**. Direitos Culturais, Santo Ângelo, v.12, n.28, p. 45-64 set/dez.2017.

GELONEZE, Bruno e YAMANAKA, Ademar. **Cem anos de imigração Japonesa no Brasil. Lições sociometabólicas**. Arq. Bras Endocrinol, Metab. 2008;52/1 3

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005.

IGEPAC-SP, **Inventário Geral do Patrimônio Ambiental e Cultural: Liberdade**. Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo, Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal da Cultura e Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

KISHIGAMI, Flávio Daiji. **Bairro da Liberdade: cultura como parque temático**. Seminário FESPSP 2017, São Paulo.

KISHIMOTO, Alexandre. **A experiência do cinema japonês no bairro da Liberdade**. Dissertação para obtenção do título de mestre em Antropologia Social, São Paulo, 2009.

LIMA, Sandra Tamie Saito de. Tanaba Matsuri: **A Gestão da Comunicação do Festival das Estrelas no Brasil**. Trabalho de conclusão do curso de pós graduação em

Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. CELACC/ECA, São Paulo, 2013.

MALARD, Maria Lúcia. **As aparências em arquitetura**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2006.

MARZ, Marília. **Indivisível**: edição especial. Juizfora Gráfica e Editora, 2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os "Usos Culturais" da Cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. Palestra proferida no encerramento do Congresso Internacional de Geografia e Planejamento do Turismo/Sol e Território. Transcrito por Cintia Nigro, copidescagem de Eduardo Yázigi, 1996.

MILANO, Miguel. **Os fantasmas da São Paulo Antiga (Estudo histórico-literário da cidade de São Paulo)**. Editora Unesp, São Paulo, 2012.

NAKAGAWA, Fabio Sadao; OKANO, Michiko & NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira. (2011). **Dois visões da liberdade: a orientalização e a orientabilidade**. Estudos Japoneses, (31), 45-62. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.v0i31p45-62>

PAES, Maria Tereza Duarte. **Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais – um olhar geográfico** Turismo de Base Comunitária - Diversidade de olhares e experiências brasileiras, Ministério do Turismo, Brasília, 2009.

RODRIGUES, Linda Maria. **“O SEGREDO DO BRASIL”**: os sentidos do lugar turístico no discurso da propaganda oficial sobre os Lençóis Maranhenses. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara-SP, 2011.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e a pobreza (1890-1915)**. 4ª edição. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

SANTOS, César Simoni. **Dos negócios da cidade à cidade como negócio uma nova sorte de acumulação primitiva do espaço**. Revista Cidades, V. 3, n. 5 (2006).

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo, Edusp, 9ª reimpressão, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Renan Rosa dos. **As políticas de branqueamento (1888-1920): uma reflexão sobre o racismo estrutural brasileiro**. Por dentro da África, São Paulo, 2019.

SCIFONI, Simone. **Cultura e problemática Urbana**. Crise Urbana, org. Ana Fani A. Carlos, editora contexto, 1ª edição, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista**. Revista USP, (63), 16-35, 2004.

SILVEIRA, Tácito Pio, da. **Critérios para nomenclatura de estações de trem, metrô e terminais de transporte**. São Paulo Transporte S. A. / DT-SPT, SP, 2014.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**, Rio de Janeiro: Leya, 2017.

YAMAGAWA, Mônica. **Cemitério e Capela de Nossa Senhora dos Aflitos rua dos aflitos, 70**. Disponível em Moyarte, dicionário online sobre o centro de São Paulo. Acesso em: 24/08/2021. Disponível em: ><http://moyarte.com.br/centro-de-sao-paulo/verbetes/cemiterio-e-capela-dos-aflitos.html><